

## *El lucbe / Luiza Baldan*

O pistoleiro Maicol Poblete, olhos verdes e aproximadamente 30 anos, anda sempre acompanhado de quatro comparsas, entre eles, o famoso Chano Maricón. Com seu bando, o malandro circula pela zona plana da cidade de Valparaíso, mais precisamente no entorno da aduana e da Igreja Matriz, aterrorizando moradores e transeuntes. Contam que roubou um caminhão de gás no Caminho Cintura, além de muitos outros delitos envolvendo violência. Digamos que o prontuário do rapaz é extenso. Não se sabe se foi detido no passado, mas a denúncia anônima que recebemos em um papelzinho escrito por mãos trêmulas à esferográfica azul é um sinal de que precisa ser capturado de uma vez.

Quando sucedeu o roubo, os xingamentos saíram em todos os idiomas, mas ninguém interceptou o Poblete nem a sua gangue, que rapidamente se dispersou entre a multidão que transitava pela Rua Cochrane às 15:00h. Comerciantes observaram atônitos desde janelas e calçadas, murmurando em silêncio "lá se vai mais uma vítima *del cabrón, hijoeputa, conchatumadre*". O mal-parido correu justamente o necessário para subir a rua Cajilla e se perder nos meandros do seu bairro, próximo à delegacia de investigações, a chamada P.D.I..

Foi justamente neste distrito que um policial registrou o ocorrido e recebeu dois dias mais tarde a acusação sem remetente. O oficial, que carrega o mesmo sobrenome Poblete, quando não está engomado em um terno negro despachando no interior da chefatura, usa farda camuflada sobre uma motoca alviverde numa versão guerrilheira de funcionário burocrata. Diante do bilhete amassado, se limitou a esboçar um sorriso condescendente, ambíguo, sem indicar qualquer espanto, porque além de conhecer a quadrilha, sabe o lugar exato onde os cinco pilantras se escondem. Caso não esteja mancomunado com eles, pode ser que faça uma batida em busca dos bens furtados, dando-lhes uma prensa para descobrir o paradeiro final da câmera fotográfica.

Após a ocorrência, viaturas de distintos portes se anunciaram em todos os cantos da praça, mas foram abafadas pela sirene do navio que atracava no porto ao cair da tarde. É quase impossível não se deter nestes roncoss periódicos, muito mais poderosos que as campanadas da igreja, mas não menos ensurdecedores que o canto das gaivotas; que, sempre em bando, tumultuam o que há pelo caminho. Passado o frisson, foram os assovios e os

alarmes dos automóveis que tomaram conta, enquanto Poblete desaparecia pelos confins da cidade.

Sem maiores novidades sobre o caso, alguns moradores se reuniam na praça para comentar o ocorrido, todos anônimos falando em código. Um batizado se celebrava na Igreja, entre familiares e fotografias, e a paz reinava até outra moça ser atacada por dissidentes de Poblete e Chano. Muitos correram pela rua da Matriz em vão.

A partir de agora, todos os que passam pela rua Santo Domingo parecem suspeitos. Busca-se um infrator que não tem medo da lei nem da língua afiada dos seus vizinhos. O cidadão se esquece que vive em uma comunidade latino-americana, seguidora das telenovelas e dos finais felizes, em um bairro onde a igreja alimenta seus fiéis menos abastados e os cachorros tomam sol diariamente em praça pública. Se aos olhos de Deus somos todos iguais, aos olhos do próximo, Maicol Poblete é o demônio.

A caçada ao bandido começa na Matriz e evolui em direção a Viña del Mar. A velocidade da fuga contrasta com o ritmo pacato da cidade, em particular com o do trem mais lento do mundo, estacionado no Paseo Weelright, um pouco depois do Muelle Barón. Suas carcaças, que algum dia foram vagões, são vistas de longe, abandonadas em forma de ferro-velho. As três composições, sucumbidas à maresia, guardam histórias de todos os tipos, dos viajantes que ali passaram; aos mortos que ainda se homenageiam com *animitas* floridas. Retratos 3x4 de personagens inominados decoram paredes e seus rostos desconhecidos ganham títulos e frases de amor. Até algum parente do Poblete poderia estar figurado naquele mosaico de fantasmas anônimos.

||

Encontrei o trem mais lento do mundo quando corria pelo Paseo Weelright na tarde do domingo 22 de julho. Daquilo que parecia um pesadelo, entre pichações e vidros quebrados, se ouvia Clair de Lune, de Debussy. Uma placa anunciava a venda de café e chá, o que me encorajou a subir as escadas enferrujadas. Lá de cima, o mar se via, se ouvia e se sentia por todas as janelas, enquanto o metrô que ainda parte rumo a Limache buzina veloz nos trilhos ativos da ferrovia. Em um canto iluminado pelo sol filtrado por cortinas vermelhas, notas musicais saíam de um piano vertical alemão pelas mãos de um filósofo colombiano. Não era para menos a internacionalidade do momento,

considerando um comboio que jaz diante de um dos portos mais importantes da História da América do Sul. O trem é o mais lento do mundo porque está ancorado no tempo. Ao embarcar, fui transportada a um passado impossível de localizar, em suspensão, distanciando-me quase que de imediato da realidade em que estava imersa. Não percebi a noite chegar nem a aproximação de outros curiosos como eu. Só acabou o feitiço quando o piano calou.

Um chileno de descendência basca, Carlos Albarracín, mora no trem e oferece aulas de música, ali mesmo, na ferrovia em frente ao mar, entre as histórias que só alguns poderiam contar. O único piano com que tive contato na vida foi o do meu pai, que também se chamava Carlos e circulava entre pescadores. Nunca aprendi o instrumento, mas naquele vagão, sem referências claras do tempo local e protegida dos contraventores que me afligiam, comecei a tocar. No piano, que em italiano significa "suave", as recordações brotavam em turbilhão e as imagens jorravam pelos dedos incapazes de reproduzi-las corretamente. Sem métrica certa, a lógica não era a da completude da ação, mas a do gesto, a da aprendizagem pouco didática conduzida por um senhor de nome Carlos, que pouco a pouco me apresentou uma nova possibilidade de viver Valparaíso.

Da rotina fez-se um ritual, de caminhadas extensas pelo cais, percorrendo dia após dia um mesmo caminho com cheiro de peixe e canto de gaivota, que de ensurdecedor fez-se melódico. Centenas de passos em silêncio para deixar-me arrebatado pela experiência. A contínua contemplação de uma paisagem repetida que permite admirar o corriqueiro como extraordinário. Mas o decorrer da prática musical carecia de sensibilidade semelhante à que me levava ao piano diariamente. Faltava disciplina e entendimento entre as partes. O instrumento ficou curto e congelado, anunciando a chuva e atualizando o tempo, de modo a reassentar tudo em seu devido lugar. De algum modo, as cortinas do comboio se fecharam e as luzes se acenderam para que eu pudesse desembarcar.

Quando acabou o temporal, senti um enorme vazio por reconhecer a perda. Minhas histórias foram somadas a tantas outras que estavam esquecidas no trem e não mais me pertenciam. Mas percebi que os acordes que aprendi não eram apenas melancolia e que através deles poderia inventar e recontar histórias com notas que dispensam tradução. Consegui registrar imagens mesmo sem minutá-las visualmente. Se me roubaram um olho, me deixaram os ouvidos. E a partir deste entendimento a prática

ganhou força novamente, sem grandes devaneios ou atmosferas oníricas, se expandindo pelas ruas da cidade que haviam se perdido no princípio da viagem.

Em cada cruzamento de Valparaíso encontrei tons, do popular ao erudito, em vozes, alto-falantes, pregoeiros e instrumentos de todos os tipos, provenientes de distintas partes do mundo, que chegaram até aqui pelas mãos de residentes e turistas, modificando por completo a paisagem urbana. Mariposa e Alejandro, Milca e Mauro, Fernando e Soledad, Gonzalo e Juan Carlos, Jorge e Claudio, Mati e Nico, Pablo e Carlos, Rosario e Daniel são apenas alguns dos muitos personagens que constituem o extenso mapa sonoro que ilustra e indica caminhos na cidade.

Dos músicos que conheci, me apeguei especialmente a Catalina Jiménez Torres, pianista de personalidade ímpar, que eu jamais poderia descrever na bidimensionalidade de uma fotografia. Nos conhecemos no Café Paseo, na Plaza Anibal Pinto. Entre um chá, uma cerveja e alguns cigarros, falamos um pouco das nossas vidas ou o suficiente para que eu confiasse nela como parceira na empreitada de aprender a tocar piano em um mês. Foi ela quem me ensinou, sem paternalismos, a me apoderar do instrumento, fazê-lo meu, senti-lo, tocá-lo. Pus de lado o universo colorido das artes visuais para mergulhar em teclas pretas e brancas onde não mais podia controlar o tempo e sim respeitar o que me era determinado. Com as mãos ainda tensas e tímidas, aprendi a relaxar para que os dedos fluíssem com mais destreza e pudessem adquirir a firmeza característica para o soar das notas.

Aos poucos, entre caminhadas e encontros, comecei a colecionar, através do som, paisagens e retratos. Gravei o ruído das ruas e pedi a músicos que compusessem cinco segundos em compassos de quatro quartos para que eu pudesse tocar. Como um jogo de amarelinha, que aqui chamam de *el luche*, fui recolhendo a cada passo um fragmento que, quando reunidos em uma só partitura, representariam uma das muitas possíveis leituras de Valparaíso.

Na dinâmica de ser guiada através da sonoridade dos habitantes daqui, conheci todo tipo de gente, lugar, história e nostalgia. Esses registros, quando transcritos à música, foram distanciados dos pormenores subjetivos de ressentidos, positivistas, esquerdas ou direitas, mantendo a imagem descritiva do instante em que foram gravados. Certa vez, na esquina de Templeman e Almirante Montt, fui obrigada a girar o pescoço e

segurar o passo porque Claudio tocava um realejo com seu papagaio Pepe, desacelerando pedestres e atribuindo rosto às pessoas. Em outra ocasião, pela janela de casa, vi Jorge tocar o violino na sua sala a apenas 5 metros de distância da minha. Em todos os casos, a música proporcionou a percepção visual do momento e agora faz questão de recordá-lo a cada vez que é tocada novamente. A canção estimulou os sentidos, disfarçou a vergonha e promoveu a reunião entre desconhecidos. O som antecedeu o encontro e faz permanecer a imagem.

Com a transferência da visualidade ao som, criei *El luche*, que é uma obra composta não apenas por timbres, mas também pela ausência dos mesmos, pelos silêncios e pelas tantas notas prometidas que nem sequer foram escritas. Na peça estão pessoas e lugares que conheci, entre amigos e amores, fracassos e alegrias, mirantes e paisagens, reunidos em fragmentos dissonantes, que desrespeitam a lógica harmônica de uma canção, em pulsos variados dispostos lado a lado, privilegiando a ordem da lembrança para recontar a mim mesma as experiências que tive nesta cidade. As partes se organizam praticamente sozinhas, evidenciando rupturas e encadeamentos felizes no encontro entre as notas. Cada grupo de compassos me leva ao dia em que conheci aquele que soa no piano. Com a colaboração de Catalina, existe hoje uma partitura produzida em Valparaíso que pode ser tocada a qualquer momento, por qualquer pessoa, em qualquer lugar, e que é o único registro imagético físico do projeto para além destas palavras.

Compor uma partitura reunindo imagens é como juntar partes de uma história inacabada, impossível de ser reconstituída linearmente. Como em *el luche*, de casa a casa joga-se a pedrinha para chegar ao céu, sabendo que é preciso voltar para buscar a mesma pedrinha e continuar jogando. Tocar a obra diante do público, em um teatro com 100 anos de existência, é uma maneira de contar essa história inacabada, reverberando-a no seu lugar de origem, para que passe também a pertencer à história da cidade.

Lembro-me da melancolia ao deixar o trem e reconheço o luto naquele ato, a partir do qual, felizmente, pude dar sequência aos capítulos desta viagem, que transcende a geografia e se imaterializa através da obra.